



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na solenidade de inauguração da
Rede Transporte, canal de TV digital da
Confederação Nacional dos Transportes*

EDIFÍCIO CAMILO COLA, BRASÍLIA/DF, 9 DE OUTUBRO DE 1996

Senhores Senadores; Deputados; Senhores Empresários; Lideranças do sistema de transportes Senhores Trabalhadores que me estão ouvindo; Senhoras e Senhores;

Eu me sinto, se me permite o Dr. Clésio, em casa. E ele sabe as razões. Já estive muitas vezes neste auditório, porque a sede do meu partido era lá em cima. O auditório ficou mais bonito, agora; houve uma reforma. Mas é o mesmo.

É com muita satisfação que retorno a este prédio, a esta casa, e no dia de hoje, que, por muitos motivos, é simbólico, porque estamos aqui inaugurando este sistema de comunicações muito atualizado. Visitei a parte de geração e produção, fiz as perguntas necessárias para me informar e saber que estamos realmente na vanguarda do sistema de comunicações.

Mas mais importante do que o sistema em si é o objetivo dele, que é o de informar, de educar, de prestar assistência. É um lugar comum, mas cabe repetir: não existe democracia sem informação. Só se faz uma opção consciente quando se sabe das alternativas. E a grande

mudança do nosso país, que o Dr. Clésio, no seu magnífico discurso, já assinalou, é precisamente esta: de que vivemos numa sociedade democrática, uma sociedade em que as pessoas procuram e têm como se informar. Têm como, portanto, fazer as suas opções.

E a decisão da CNT no sentido de estabelecer esta rede de comunicações vai nessa direção. Esta rede propiciará mais e melhores informações, além de formação, de educação.

Apraz-me, também, como Presidente da República, verificar que a utilização dos meios de telecomunicação na educação se generaliza, no Brasil. O Governo está empenhado, como os senhores sabem, na ligação das escolas com todo um sistema de telecomunicações. E agora, também, aqui, na mesma direção, a CNT se empenha em aperfeiçoar a formação dos seus empregados, trabalhadores e de quem possa assistir a esses programas, fazendo parcerias com a Fundação Marinho, que propicia os programas educacionais.

Isso é muito positivo. Quando se vê, como nós acabamos de ver, esse vídeo, que resume as atividades da CNT, fica-se com mais confiança no Brasil. Hoje, pela manhã – está aqui o Senador Agripino Maia, que assistiu a uma pequena solenidade no Palácio do Planalto, ao lançarmos, lá, um programa para o Rio Grande do Norte, um pólo gás-sal –, nós estávamos reafirmando aquilo que vejo aqui já em pleno desenvolvimento: que o Brasil já mudou.

Eu citava um ilustre economista e meu amigo, Albert Hirschman, a respeito dos obstáculos para que se veja o desenvolvimento. Isso ele escreveu numa época em que, na América Latina, sempre se dizia que não havia desenvolvimento, e a América Latina estava se desenvolvendo. Pois bem, nós, hoje, no Brasil, temos que remover os obstáculos, para que se veja que já estamos em crescimento e em desenvolvimento. O País já mudou.

Isso não quer dizer que, ao mudar, ele se acomodou – pelo contrário, ele quer mais. É natural: quanto mais se consegue, mais se deseja. Essa é a mola que leva realmente ao progresso. E o que mais se deseja hoje não é só, e é também, a continuidade do crescimento econômico, mas é muito mais do que isso: é o alargamento da cida-

dania, é a educação, é a assistência às populações, é a saúde, é a participação do trabalhador nos resultados e nas decisões das empresas, como se deseja, hoje, que a sociedade toda participe nas decisões governamentais.

Então, isso é sinal de um país que amadureceu. Não tenho dúvida nenhuma de que estamos no caminho de um progresso acelerado, porém consciente, e, por consequência, não um progresso que vá permitir crescimento rápido e depois uma queda, os famosos *ups and downs*, de que os economistas falam sempre, *stop and go*, quer dizer, sobe e desce, pára e anda. Não. Nós queremos um progresso continuado.

É nossa missão, do Governo e da sociedade, estabelecer as bases para esse progresso continuado. E aí entra o que foi dito pelo Dr. Clésio, a infra-estrutura. O Governo está empenhado, e profundamente empenhado, em refazer a infra-estrutura da economia brasileira, porque isso é básico para a possibilidade de um progresso continuado. Essa reorganização da infra-estrutura, em grande medida, implica a ação na área dos transportes, e o Ministro Saldanha, dos Transportes, tem me ajudado enormemente na percepção do problema e na implementação dos meios para que possamos dar um salto. Ainda não conseguimos fazer tudo o que queremos fazer, mas já está delineado o caminho. E a intermodalidade, que foi aqui mencionada, é a chave, na nossa concepção, dessa reorganização da infra-estrutura brasileira.

Houve época em que o Brasil realmente concentrou seus esforços no transporte rodoviário. Isso dotou o País de uma imensa malha, infelizmente necessitando de fortes reparos, de duplicação, etc., mas é uma malha que existe aí e tem que ser preservada. Hoje nós sabemos, também, que ela tem que ser complementada com as ferrovias e hidrovias.

De ferrovia se falou muito num passado mais remoto; depois, houve o esquecimento. Nós, agora, com as privatizações e com as condições decorrentes da privatização, retomamos a ferrovia como eixo fundamental para permitir o transporte de pessoas, mercadorias e riquezas.

Creio que é de se assinalar que há algum tempo pouca gente acreditava na possibilidade de a Rede Ferroviária Federal ser vendida, ou melhor, ser objeto de uma concessão, e de que alguém se interessasse por isso, tal era a desorganização em que se encontrava. O Governo Federal – e isso já vem de antes do meu governo – fez o saneamento desse sistema ferroviário. Não foi fácil: havia dívidas imensas, sobretudo na parte trabalhista. Agora, já eu creio que 3/4 ou 4/5 da parte que tínhamos que fazer, em termos de concessões, já foram feitos. E os investimentos virão e vão propiciar maior rapidez, maior segurança no transporte ferroviário. Não nos esqueceremos de complementar esse transporte ferroviário onde for necessário, como na questão da estrada de Unai a Pirapora, tão cara a Minas Gerais, que está incorporada ao nosso programa de projetos fundamentais para o crescimento econômico. Vamos fazê-la. E, se possível, vamos retomar a idéia da Transnordestina: estamos examinando a possibilidade, a sua viabilidade econômica; não é tão clara, mas estamos analisando.

Porém, talvez o mais significativo dos esforços feitos nos últimos tempos tenha sido na área das hidrovias. O Brasil dispõe de um sistema hidroviário extraordinário. Os que tivemos a sorte de viver noutros países que utilizaram seus rios, como os Estados Unidos, ou como a França, ou como a Alemanha, sabemos o que significa um sistema hidroviário quando acoplado ao rodoviário, ao ferroviário e aos portos.

Pois bem, creio que a próxima safra de grãos do Centro-Oeste, numa parte mais relativa a Rondônia e a Mato Grosso, vai escoar pelo rio Madeira – não é isso? – do Senador Cabral, e ali, passando rio acima, desembocamos no Amazonas e vamos até Itacoatiara, onde já se tem um terminal graneleiro, ao qual os navios de grande calado vão chegar. Também, com a continuidade da 364, vamos tratar de ter uma possibilidade de acesso mais seguro a toda a Região Centro-Oeste do Brasil. Vai ser entrosada com essa hidrovia.

Não nos esquecemos da hidrovia do São Francisco, uma hidrovia fundamental, embora não tenha, talvez, esse aspecto exportador, como tem a Madeira-Amazonas. É uma hidrovia muito im-

portante, que já está sendo reativada também e vai ser outra possibilidade de melhoria do sistema de transportes.

A hidrovía Paraná-Tietê já é uma realidade, e, nas suas margens, a riqueza já se faz sentir pela presença da iniciativa privada.

A Araguaia-Tocantins vai, lá em cima, também, entroncar-se com a Norte-Sul. E nos vamos avançar a Norte-Sul até Estreito, para que possamos, efetivamente, ligá-la, depois, ao porto de Itaquí e permitir a exportação por aí afora.

Estou dando apenas alguns exemplos desse novo delineamento da infra-estrutura de transportes. O Ministro Saldanha sabe muito mais detalhes do que eu, mas eu tenho acompanhado o assunto – e ele também sabe disso – com muito interesse, porque acho fundamental para que possamos estar preparados para receber os investimentos feitos por brasileiros e por estrangeiros e que vão assegurar crescimento continuado a este nosso país.

Não cabe a mim me estender nessas matérias, mas eu diria também que o esforço na área de energia é imenso e que estamos, realmente, preparando o País para uma nova etapa de crescimento, não só gerando mais energia como ampliando as linhas de transmissão.

Ainda agora, esta semana, irei ao Mato Grosso, a Sinop, para concluir uma linha que foi iniciada no Governo Itamar Franco. Já estive lá, para dizer que faríamos uma linha de transmissão em Sinop. E no Pará? As linhas de transmissão de Tucuruí iam desaguar, sempre, no Maranhão, para a produção de alumínio, e não serviam às cidades paraenses. Pois agora nós estamos, já, fazendo a linha de transmissão que vai revolucionar o modo de vida daquelas populações da Região Amazônica.

Quis, com isso, dar aos senhores apenas alguns exemplos do interesse que eu, pessoalmente, tenho e que o Governo tem pela reorganização da nossa infra-estrutura, sem falar nos portos, na privatização e modernização dos portos.

O resto os senhores estão fazendo. Dispomos de uma capacidade empresarial dinâmica, como aqui se vê, competente e consciente dos problemas nacionais.

O discurso do Dr. Clésio podia ser discurso do Líder do Governo no Senado, que está aqui presente, Senador Êlcio Álvares, ou de qualquer outro dos parlamentares aqui presentes, tal, digamos, a densidade dos seus conceitos no que diz respeito à concepção do que seja o papel do setor produtivo numa economia que é avançada, já, e numa sociedade que já é democrática e que deseja ampliar as possibilidades de cada um dos cidadãos.

Nós todos temos muita consciência, tenho certeza – e vi que os senhores têm também –, de que tudo isso só terá sentido real se efetivamente cada um dos brasileiros se sentir pessoalmente tocado, atingido, pelo que se está fazendo. Que cada um dos senhores que são transportadores e os caminhoneiros, os que trabalham nas estradas, sintam que, por trás desse trabalho da CNT, existe a preocupação com a saúde, com o bem-estar, com a segurança dos que estão transportando. Esse, realmente, o sentido de uma sociedade que é autoconfiante. E nós, brasileiros, hoje somos autoconfiantes. Bebemos essa nossa autoconfiança em nós próprios e vemos refletir-se essa autoconfiança no olhar dos estrangeiros. E é só ver, lá fora, como nos olham, para verificar que já reconhecem que este país mudou, que é um grande país e está num caminho irreversível de transformações positivas, não só na sua economia, mas na sua sociedade e no seu povo.

Quero, portanto, agradecer por ter podido assistir aqui a este exemplo concreto dessas questões de que falei de maneira genérica, mas que os senhores estão realizando concretamente, num setor que tem tal dinamismo e tal consciência das suas responsabilidades.

Tenho acompanhado – o Dr. Clésio sabe disso – há algum tempo os trabalhos da CNT, sei o significado deles. Quero dizer que o Governo, no que diz respeito ao Executivo, e tenho certeza de que no Legislativo seremos acompanhados nisso, está atento nas suas preocupações com as reformas. As reformas essenciais estão postas, serão feitas – a administrativa, a tributária e a previdenciária – em tempo oportuno. Ou seja, as decisões fundamentais têm que ser tomadas este ano. Precisamos encarar o próximo ano já com essas transformações realizadas, pelo menos com seu marco institucional feito,

porque nós todos sabemos que, depois de definido esse marco, leva algum tempo para que possamos, na prática, sentir os efeitos das transformações.

Estamos empenhados nisso. Ainda hoje, vários dos Líderes que aqui estão estiveram comigo e eu pedi votação: votação da reforma administrativa, da reforma previdenciária, aperfeiçoamento desses mecanismos, votação da reforma tributária.

E, assim como o Governo se empenhou na questão do ICMS para aliviar a carga tributária e permitir maior dinamismo na nossa produção, no consumo interno, na competição com importação e nas exportações, o Governo dará os passos necessários – e, ao ver aqui o Dr. Afif, digo isso cheio de alegria – para que possamos aliviar, agora, as micro e pequenas empresas, também, da sua carga tributária e possamos, efetivamente, multiplicar o emprego no Brasil. Ou seja, não cuidar apenas do esqueleto da economia, que é a infra-estrutura; não cuidar apenas dos grandes, que são necessários para gerar muita riqueza; mas cuidar, também, dos pequenos, sem os quais não há a possibilidade da disseminação dos frutos do progresso ao conjunto da população.

É com esse espírito que eu vim aqui e volto para o meu trabalho – não posso dizer “rejuvenescido” porque não dá certo, mas rejuvenescido no espírito, porque vejo que há muita gente pensando na mesma direção e tenho certeza de que a maioria dos que nos estão ouvindo, senão a totalidade, está na mesma torcida. A nossa torcida é uma só: é pelo Brasil.

Muito obrigado.